

# A CONCEPÇÃO DOS PEDAGOGOS QUANTO A IMPORTÂNCIA E A FUNÇÃO DO DESENHO INFANTIL NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Cleide Gissela da Silva<sup>1</sup>

Márcia Diva Speorin<sup>2</sup>

Márcia Moreno (ORIENTADORA)<sup>3</sup>  
Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ

## RESUMO

Esta pesquisa trata da concepção de pedagogas da educação infantil quanto a função e a importância do desenho no desenvolvimento de crianças entre 2 a 5 anos de quatro centros de educação infantil no município de Chapecó, estado de Santa Catarina. O objetivo principal do projeto foi identificar as concepções que os(as) pedagogos(as) possuem acerca do desenho de crianças de 2 a 5 anos, nos centros de educação infantil municipal. Foi constatado que todas as pedagogas que constituíram a amostra, demonstraram conhecer a influência do desenho sobre o desenvolvimento da criança e como forma de expressão e comunicação com o mundo. No entanto nenhuma reconheceu o desenho como um instrumento socializador para as crianças. Identificamos também a fragilidade das bases teóricas dos pedagogos em relação ao assunto. A insegurança quanto ao conhecimento teórico científico sobre o assunto está fortemente presente nos espaços escolares. Mesmo desenvolvendo trabalhos interessantes as pedagogas apresentam receio de expor o que realmente sabem e o que praticam em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogo, desenho e crianças.

## ABSTRACT

This research is about the educator's conception regarding to the role and importance of drawing in the development of children between 2 and 5 years old, in four kindergartens in Chapecó, Santa Catarina. The main goal was to identify the educator's conception about drawing in early childhood in that city's institutions. It was noted that all the educators who took part in the research knew about the influence of drawing on children's development as a form of expression and communication with the world. However, none of them recognized drawing as a children's tool for socializing. It was also identified fragility on teacher's theoretical basis in the subject. The insecurity in the theoretical scientific knowledge about the

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia

<sup>3</sup> Professor do Curso de Artes Visuais (ACHJ) e orientadora da pesquisa – [moremar@unochapeco.edu.br](mailto:moremar@unochapeco.edu.br) (49) 9977 1244 – 3321 8036

subject is strongly present in school spaces. Even when interesting jobs are developed educators show fear of exposing what they really know and what they practice in the classroom.

**KEYWORDS:** Educator, Drawing, Children

## 1. INTRODUÇÃO

A preparação de um pedagogo para o trabalho em sala de aula deve ser o mais completo possível em relação às teorias existentes sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como sobre o universo infantil.

A partir desta concepção e como futuras pedagogas, compreendemos que a inserção da criança em um processo educativo de qualidade auxilia na construção de suas estruturas afetivas, sociais e cognitivas. Após pesquisa com vários autores, percorrendo sobre a produção gráfica infantil, sua contribuição no desenvolvimento da criança, sua função de expressão e comunicação, desperta em nós, a curiosidade sobre o entendimento que as pedagogos(as) atuantes dispõem acerca do desenho produzido por crianças de 2 a 5 anos.

A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre movida pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta dança e canta, o faz com vivacidade muita emoção. (FUZARI; FERRAZ, 1999, p.55).

O desenho tem função primordial no dia-a-dia da criança; que em seus primeiros contatos com o mundo exterior utiliza-se de traços, rabiscos, para registrar e exprimir suas necessidades, desejos ou interpretação do mundo.

Julgamos importante entendermos como se dá a relação pedagogo(a) produção gráfica infantil, porque é o pedagogo(a) que fará a mediação entre a criança e o conhecimento que ela vai adquirindo no espaço educativo infantil, e desta com as múltiplas linguagens da infância.

Assim, a temática “As concepções dos(as) pedagogos(as) quanto a importância e a função do desenho no desenvolvimento infantil” procura perceber se os(as) pedagogos(as) compreendem o desenho como um instrumento de acompanhamento e estímulo para o desenvolvimento global da criança, e este como um colaborador para formação de pensamentos e percepção de mundo.

É uma pesquisa científica porque procura trazer novos conhecimentos para o campo educacional quanto a concepção dos(as) pedagogos(as) em relação a

produção gráfica infantil, atendendo ao que afirma Ruiz (1986, p.24), isto é, que “[...] o trabalho de cunho científico tem de ser útil à comunidade científica à qual se dirige, [...], para que isso seja alcançado é preciso que ele venha dizer algo que ainda não foi dito”.

Na pesquisa de campo analisamos como eram direcionados os trabalhos com desenhos nos centros de educação infantil, procurando perceber se os (as) pedagogos(as) ao trabalharem com o desenho nos espaços infantis tinham o conhecimento de sua importância quanto ao desenvolvimento da criança. Procuramos também constatar se os educadores oportunizaram a produção criativa de desenhos, para isso foi necessário detectar como eram realizadas as mediações entre o(a) pedagogo(a) e a criança frente as produções gráficas infantis. Porém não podíamos fragmentar o trabalho com o desenho a cada sala de aula individual, tínhamos também que identificar como o desenho é integralizado a rotina das crianças de 2 a 5 anos nos Centros de Educação Infantil.

A partir destas questões, a temática “As concepções dos(as) pedagogos(as) quanto a importância e a função do desenho no desenvolvimento infantil” procurou perceber se os(as) pedagogos(as) compreendem o desenho como um instrumento de acompanhamento e estímulo para o desenvolvimento pleno da criança, e este como um colaborador para formação de pensamentos e percepção de mundo.

Logo, a observação permitiu a percepção do que acontece no espaço educacional reafirmando aspectos da pesquisa qualitativa. “Um objeto importante do pesquisador qualitativo é que ele se torna capaz de ver ‘através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados’”. (BAUER, GASKELL, 2000, p.32). Enquanto os questionários permitiram percebermos o conhecimento teórico-prático das pedagogas quanto os desenhos infantis. Além disso, com este estudo acreditamos contribuir para o enriquecimento pessoal, profissional, e estudantil de todos os acadêmicos e pedagogo(a)s que utilizarem este material como fonte de pesquisa para qualificação de suas práticas pedagógicas.

## 1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 1.1 A criança e seu desenvolvimento

Com base nas teorias sobre o desenvolvimento da criança, escritos por teóricos como Henry Wallon (1980), Lev Semenovich Vygotsky (1924), Jean Piaget (aqui citamos alguns que mais se destacam na área da educação) percebeu-se que o aprendizado infantil e sua própria constituição como sujeito se dá por muitos fatores, sejam eles biológicos ou sociais, como emoções, afetividade, inteligência, desenvolvimento motor; e que estão intimamente ligados a qualidade das relações que a criança mantém com o meio onde está inserida e seus pares, no decorrer de seu crescimento.

Cada teórico direcionou seu estudo sobre o desenvolvimento e aprendizagem infantil mantendo uma característica específica como centro da pesquisa, por isso cada teoria apresenta uma característica própria. Wallon (1980) acredita no desenvolvimento do sujeito envolvendo todos os aspectos neste processo, e constrói o que conhecemos no campo educacional como “a teoria da psicogênese da pessoa completa”. Em sua pesquisa Wallon (1980) concluiu que o desenvolvimento humano acontece harmoniosamente, ou seja, social e biológico trabalham em sincronia para evolução mental e física do sujeito, embora em seus estudos dê ênfase da afetividade no ato de aprender. Piaget (1974) acredita na interação da criança com o objeto.

Para que haja entendimento sobre as fases da produção artística na criança, em especial da evolução do desenho, é necessária uma breve noção sobre o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança. Para isso optamos em apresentar as explicações trazidas nos trabalhos de Jean Piaget e Lev Vygotsky. Optamos por estes dois teóricos porque enquanto o primeiro se pautou no desenvolvimento quanto a faixa etária da criança, o segundo destacou as relações sociais estabelecidas pelas crianças como principal meio de aprendizagem e desenvolvimento na criança.

## 2.2 A arte e o educador

Embora a arte esteja presente nas práticas pedagógicas infantis como a música, o canto, a dança, o movimento, as artes visuais, poucas vezes os pedagogos a utilizam entendendo que estão elementos ligados a arte. Assim em uma rotinização de atividades acabam por sistematizar, delimitar e por vez conduzir as produções artísticas da criança.

Quando a escola trabalha dissociadamente os desenhos que os alunos produzem e os produzidos no meio sócio-cultural, [...], através de interação com informantes e informações do meio, seu fazer artístico fica alienado da produção cultural, o que acaba por empobrecer o desenvolvimento do indivíduo”. (IAVALBERG, 1995, p. 15).

Nada melhor para auxiliar nesta construção e para entendermos a educação nos dias atuais do que nos reportarmos a história da arte na educação. Isto porque ao analisarmos o percurso da educação em arte pela história a questão de delimitação e condução das aulas de arte podem ser compreensível, uma vez que a relação professor-aluno, professor-disciplina sempre foi reflexo do sistema social instalado no país, ao passo que a cada situação se delineava uma novas tendências pedagógica buscando atender as necessidades do mercado social; na maioria das vezes influenciadas por estudiosos de outros países.

Porém, mudando ou apenas ampliando seu papel, iniciando sua tarefa com crianças maiores ou menores, a escola não perdeu sua finalidade primeira que é preparar a criança para sociedade da qual é reprodutora dos valores e ideais. (MOREIRA, 1999, p.44)

Para Derdyk (1994) a instrumentalização do educador é a principal forma de se alcançar uma educação em artes com qualidade. Logo, a arte permite a vivência de experiências e reflexões novas, por qualquer sujeito desde que o educador possua o conhecimento e a capacidade de reflexão sobre a maneira de trabalhar com a arte. Arte é expressão, elaboração, conhecimento.

A arte pode, portanto, apresentar realidade imaginadas que, por sua vez, podem ser compartilhadas por sujeitos distintos, de níveis e culturas distintas, através do ato de encantamento e desencantamento pela conexão entre a imaginação, a

estrutura, cognitiva, a emoção e as estruturas perceptivas dos sujeitos envolvidos [...] (IAVELBERG, 1995, p.15e16).

Arte é ludicidade, é um fazer prazeroso onde a criança entende que muito é permitido o faz de conta confunde-se com o real, tornando o conhecimento do eu e do outro por interações possíveis. Fazer os educandos se libertarem das amarras ideológicas do sistema para produzirem, elaborarem e reelaborarem pensamentos, conhecimentos, torna-se complicado quando o próprio educador não consegue se libertar desses padrões.

Permitir que os pensamentos e criações fluam libertos, longe de regras e limitações torna-se um desafio. “A escola funciona como canal que operacionaliza, dentro da sociedade, a passagem de conteúdos que representam e participam de uma visão cultural, regional e universal do patrimônio humano de conhecimento” (DERDYK, 1994, p.12)

Além da formação falha nesta área, convivemos com um currículo deficiente onde a aula de arte é apenas complemento das disciplinas de conhecimento específico, considerada como se não agregasse conhecimento à formação do sujeito.

Ferreira (1998) lembra que para estudiosos dos desenhos infantis, Lowenfeld e Brittan, “[...] a criança sente grande satisfação em poder expressar os próprios sentimentos e as próprias emoções pela arte” (p. 23).

Desenhar então é permitir que o psiquismo da criança funda-se com o movimento registrando seja no papel ou não, figuras que comuniquem ao mundo o interior de cada sujeito. Mais ainda nas crianças que ainda não dominam os signos e símbolos do mundo adulto; deixando em seus traços, registros do seu desenvolvimento cognitivo, motor e psicomotor, além da expressão de suas emoções.

A arte, pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções , pode ser um apoio quando alguma coisa as aborrece, isto pode ser alcançado incentivando a capacidade de percepção que resultará na ampliação dos detalhes no desenho da criança.

[...] a criança de 5 anos desenha o pai (1 cabeça e 2 pernas) e diz: pronto, desenhei o pai. Nesse momento seu pai pega a criança no colo e aperta bem com as mãos e questiona com

ela. A criança ao desenhar novamente o pai, irá acrescentar as mãos as quais se tornaram importantes para ela e outras partes se assim foram estimuladas. (LOWENFELD, 1976, p. 41)

Se o desenho está fortemente presente na vida da criança, com certeza faz parte das rotinas pedagógicas nos Centros de Educação Infantil, logo surge a indagação sobre como são trabalhados, direcionados, ou o que significa estas produções para o pedagogo. E mais, sabendo das implicações do ato de desenhar no desenvolvimento da criança, “Essas imagens construídas pelas crianças, como já vimos, vão se estruturando na mesma dimensão de seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p.55) e sabendo que o educador é o mediador entre a criança e o mundo é importante sabermos de que forma ele lida com essa relação em sua sala.

## **2.3 O Desenho**

### **1.1.1 O desenho nas Artes Visuais**

Quando falamos em desenho muitas vezes a mente já produz a figura gravada em papel ou tela feito com traços de grafite com seus contornos definidos. No entanto, alguns autores conceituam o desenho como algo mais amplo e abrangente. Para Moreno (2005) o desenho como linguagem “[...] é um instrumento de conhecimento” (p.33) manifestados não só na forma gráfica, mas por gestos e sinais. É necessário que entendamos o conceito de desenho amplamente.

Derdyk (1994), também compreende o desenho como atividade ampla. Para ela objetos organizados, traços com o dedo na areia, manchas, pontos, linhas são desenhos, podendo ser um objeto lúdico, artístico científico ou técnico.

No desenho de observação, como o próprio nome defini é aquele realizado a partir de um objeto, referências reais, “[...] como por exemplo natureza morta, paisagem e a anatomia” (MORENO, 2005, p. 35). Esta forma de desenho abrange três aspectos importantes que devem ser trabalhados com o sujeito: a perspectiva,

profundidade, o senso de confiança da habilidade criativa e o potencial para solução criativa.

O desenho de interpretação é definido como o resultado da associação do objeto observado com a imaginação do sujeito que o registra. Neste tipo de desenho, a mente é o principal meio de informações, Wilson (*apud* BARBOSA, 1999) fala da nossa mente como meio de informação que “[...] percebe, registra e classifica tudo o que conhecemos” (p. 35) e são essas imagens esses registros que servirão de estruturas da mente para o sujeito desenhar.

Logo, o desenho de criação vai depender da percepção de cada sujeito, assim como de sua experiência visual. Ele utilizará o conhecimento de vários códigos, signos, símbolos e imaginação para criar seu desenho. Este tipo de desenho é essencialmente criativo.

Quanto a definição de desenho, Moreira (1999), diz que é a possibilidade de lançar-se pra frente, projetar-se. A palavra desenho tem originalmente um compromisso com a palavra *designo* (plano, intenção, objetivo, propósito). O desenho se aproxima da noção de projeto.

### 1.1.2 O desenho infantil

Para abordarmos aspectos relativos a produção artística na infância, especificamente o desenho, é preciso notar como as produções gráficas infantis, a criança e o adulto se relacionaram no passado para compreendermos o presente.

Para Cox (2001) a criança só teve reconhecimento de sua especificidade a partir do século XVIII após estudos do filósofo Jean Jacques Rousseau, que percorreu sobre o mundo e as necessidades específicas da criança. É só a partir de então que a criança deixa de ser um adulto em miniatura, e a infância passa a ser vista como fase de cuidados para que o infante do presente torne-se um adulto “digno” no futuro.

É por isso que não se encontra registro mais antigo referente à produção gráfica infantil. Só em 1880 que surgem os primeiros estudos acerca da produção gráfica infantil, pelo italiano Corrado Ricci, que um dia chuvoso correu buscando abrigo em uma viela coberta. Enquanto esperava a chuva amenizar, uns rabiscos na

parede atraíram sua atenção. Ricci começou a ficar intrigado pelos desenhos, cogitou o que havia de tão especial neles que os tornavam tão diferentes da arte convencional dos adultos. Assim começou seu interesse e estudos da arte infantil. Não foi ele o primeiro a levar a sério o assunto, mas, foi seu texto 'A Arte das Crianças Pequena', publicado sete anos mais tarde do início de seus estudos, que despertou o interesse pelo desenho infantil.

As únicas exceções quanto a produção gráfica infantil antes do século XVIII limita-se ao desenho numa pedra que se supõe ser obra de uma criança do período minóico, cerca de três mil anos atrás; e desenho de Emily Bronte, que com 10 anos em 1829 fez um estudo de um tange-asno (espécie de pássaro).



Figura 1: Desenhada numa lousa se supõe ser obra de uma criança, cerca de três mil anos atrás

Fonte: Cox (2001)



Figura 2: Desenho de Emily Bronte, com 10 anos de idade em 1829

Fonte: Cox (2001)

Nos dias de hoje sabe-se muitas coisas sobre a produção gráfica infantil, após estudos de psicólogos, professores, educadores e artistas que procuraram desvendar o mistério dos rabiscos, garatujas e do próprio processo criativo das crianças. Conhecemos já alguns aspectos sobre a evolução e definição dos traços conforme a faixa etária.

## 2. MÉTODO E PROCEDIMENTO

O tema “As concepções dos(as) pedagogos(as) referente a importância e a função do desenho no desenvolvimento Infantil” foi elaborado através de uma pesquisa científica qualitativa considerada por Bauer e Gaskell (2000, p.32) “[...] intrinsecamente uma forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória”. Optamos por este método também porque não tratamos de dados numéricos, mas produções artísticas, relações interpessoais e práticas pedagógicas; aspectos impossíveis de se quantificar.

Estruturou-se como uma pesquisa científica porque procurou trazer novos conhecimentos para o campo educacional, a partir do momento que levantou dados sobre a concepção de alguns pedagogos(as) em relação a produção gráfica infantil delineando um perfil de trabalho de alguns Centros de Educação Infantil. A partir de Ruiz (1986, p.24) “[...] o trabalho de cunho científico tem de ser útil à comunidade científica à qual se dirige, [...], para que isso seja alcançado é preciso que ele venha dizer algo que ainda não foi dito”, e isto é o que foi objetivado neste trabalho.

Em um primeiro momento, apenas dois centros de educação infantil municipais de Chapecó seriam nosso objeto de estudo, ou seja, participariam da observação, entrevista, e aplicação de questionário escrito, isto porque de acordo com o número de turmas em cada instituição, subentendemos que no mínimo teríamos cerca de 16 pedagogos(as) para compor nossa amostra, conseqüentemente forneceriam suficientes para respondermos as questões de pesquisa. No entanto, o requisito de que, o educador precisava ter curso de graduação em pedagogia necessitava ser atendido, o que não aconteceu em nossa primeira visita.

Ao chegarmos no CEIM número 1 para aplicação do questionário escrito, apenas cinco educadores puderam constituir nossa amostra sendo que dentre elas uma encontrava-se afastada das atividades, impossibilitando sua participação. Restaram, então, apenas quatro pedagogas para colaborar com nosso estudo, isto porque os outros profissionais que compõem o quadro funcional da instituição possuem somente curso do magistério acrescido de adicionais.

Neste momento fomos levadas a ampliarmos o número de Centro de Educação Infantil a serem visitados, acrescentando outras 2 instituições ao trabalho.

Envolvemos então, 4 Centros de Educação Infantil Municipais de Chapecó em nossa pesquisa, que atendem crianças de 4 meses a 5 anos. Compõe a amostra para este trabalho somente profissionais da primeira infância, cuja formação minimiza-se em Licenciatura em Pedagogia e Especialização, sendo que os profissionais especialistas direcionaram os seus estudos para as mais diversas áreas da educação para infância.

Quanto à situação sócio-econômica dos bairros aparentemente, também são semelhantes. Possuem comércio local com mercado, lojas, farmácias, postos de saúde, etc. Algumas vias asfaltadas, com exceção do bairro Santa Maria, nos outros 3 prevalece ainda ruas de pedras. Todos possuem linhas de ônibus urbano.

A estrutura física dos Centros de Educação também é satisfatória. Com área coberta, refeitório, salas ventiladas, parque para as crianças com caixa de areia. Cadeiras e mesas, tanto das salas quanto dos refeitórios, são da altura adequada para crianças, assim como os móveis do banheiro, com pia e vaso sanitário baixos. As estantes onde ficam os brinquedos e jogos também possuem altura e organização acessível às crianças.

Ao passo que as pedagogas destes espaços aceitaram prontamente em participar da pesquisa respondendo ao questionário escrito proposto, encontramos certa dificuldade em acertarmos os prazos de entrega.

Isto porque a primeira proposta consistia em entregar e recolher os questionários na mesma data, isto é, entregaríamos as perguntas no início do expediente e ao final do mesmo passaríamos recolher. Para assim, assegurarmos que os dados constantes nestes “documentos” seriam realmente conhecimentos que fizessem parte da prática pedagógica da educadora, construído durante sua formação e sua experiência em sala.

Para melhor compreensão do leitor e pensando em assegurar o anonimato tanto dos Centros de Educação Infantil envolvidos nesta pesquisa, quanto das pedagogas, decidimos identificar as instituições com números 1, 2, 3 e 4, enquanto as pedagogas usaremos as letras do alfabeto em maiúsculo e entre aspas para identificá-las. Quanto aos depoimentos transcritos o faremos entre aspas e em itálico.

No Centro de Educação Infantil 1 e 4 atividade de entrega e recolha dos questionário funcionário de maneira totalmente antagônica, enquanto no primeiro

não houve problema quanto a data de recolhe, no segundo a situação ficou mais complicada.

Nos Centros de Educação Infantil 2 e 3, foram feitas cerca de seis visitas para que conseguíssemos recolher todos os questionários, decorrendo cerca de 15 dias entre a entrega a gestora e a devolução para nós. Em cada visita a gestora comentava sobre o que impedia as pedagogas da entrega no prazo combinado. Dentre os argumentos destacaram-se a necessidade das mesmas pesquisarem sobre o assunto e a falta de tempo devido a exaustão que a docência na Educação Infantil provoca aos pedagogos(as) o que impedia que respondessem depois do horário de trabalho.

O empenho de todos, tanto das pesquisadoras quanto das pedagogas resultou em 24 questionários escritos, composto com de 10 questões, respondidos por pedagogas habilitadas na área de Educação Infantil, onde algumas delas além da graduação dispõem de especialização. O questionário foi construído de forma que pudéssemos delinear certas características da formação docente e também constatar tanto o conhecimento prático quanto o teórico das pedagogas, e conseqüentemente responderem as questões problematizadoras de nosso projeto.

## **2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO**

### **2.1 Analisando teoricamente as concepções**

Elaboramos neste capítulo as concepções que seis, das 24 pedagogas de nossa amostra, focando sobre a função e a importância do desenho da criança em seu desenvolvimento. A análise de dados será feita buscando esclarecer as seguintes questões:

Como são direcionados os trabalhos com desenhos nos Centros de Educação Infantil?

Os Educadores ao trabalharem com o desenho nos espaços infantis tem o conhecimento de sua importância quanto ao desenvolvimento do sujeito? Eles oportunizam a produção criativa de desenhos nos Centros de Educação Infantil com crianças de 2 a 5 anos?

Como são feitas as mediações entre o educador e a criança frente as produções gráficas infantis?

Como o desenho é integralizado na rotina pedagógica dos Centros de Educação Infantil com as crianças de 2 a 5 anos?

Estabelecemos como norma de transcrição que as palavras utilizadas pelas pedagogas no questionário serão grafadas entre aspas, em itálico. Para manter o anonimato e poder identificar individualmente as participantes utilizaremos letras do alfabeto, em maiúsculas e entre aspas. Todas as informações constantes nestes itens fazem parte do questionário estruturado aplicado na pesquisa de campo, inclusive as informações de contextualização, não sendo portanto, trazidas neste momento de análise das observações.

### 2.1.1 Pedagoga “D”

A pedagoga “D”, é licenciada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil, sendo que trabalha nesta área a 17 anos. os cursos de formação continuada que freqüenta são os oferecidos pela rede municipal de ensino durante o ano letivo.

Desenvolveu, em seu projeto de pesquisa, para conclusão da licenciatura, o tema “A brincadeira como instrumento de socialização.”, demonstrando que seu conhecer muitos aspectos sobre a importância do desenho infantil.

. Para pedagoga “D”, através dos desenhos a criança “*fala*”, desabafando seus sentimentos, entendendo que o desenho é uma linguagem importante, assim como o gesto e a fala oral, para criança que o pratica. “*Porque o desenho é uma das formas de expressões da criança e devemos estar atenta para compreender melhor seu mundo*”. Nesta perspectiva é que faz o uso diário do desenho em sua prática docente.

O entendimento da pedagoga é de que as atividades com desenho são significativas porque “*a criança, ao desenhar livremente em seu meio e de sua maneira, não só está explorando o mundo ao seu redor mas está comunicando idéias, sentimentos, fantasia, intercambiando o real e imaginário*”. É importante perceber que além de legitimar a importância do desenho no cotidiano pedagógico, a pedagoga lembra da riqueza do deixar produzir, deixar a criança criar. Acima de tudo reconhece o trabalho com o desenho mais que a reprodução do real, de

imagens figurativas, ela reconhece como forma de expressão dos sentimentos, assim como Lowenfeld (1976, p.79), esclarece:

Se a criança estiver interessada em aviões, ela os desenhará em vários ângulos, situações diferentes. Mas se houver inflexibilidade emocional, fará sempre o mesmo avião, repetindo incansavelmente a mesma circunstância. Isso indica que a criança terá dificuldade em ajustar-se em uma nova fase. Porém a repetição lhe transmite certa segurança sabendo que não precisará enfrentar novas situações cada vez que for desenhar, e isso passa a ser uma espécie de fuga quando não consegue enfrentar uma realidade.

Ainda em relação a importância do desenho em seu cotidiano em sala de aula, afirma que utiliza este instrumento porque *”o ato de desenhar promove um intenso exercício mental, intelectual e emocional. É manifestação da inteligência além da atividade motora”*. Isto quer que, se observarmos a fala da pedagoga percebemos na prática o que Gardner (2002), relata em sua teoria sobre o comportamento da inteligência humana, em sua teoria das inteligências múltiplas. Ferraz e Fusari, (1999, p.55) por outra perspectiva porém na mesma compreensão, afirmam que o desenho, *“Essas imagens construídas pelas crianças, como já vimos, vão se estruturando na mesma dimensão de seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social”*. Também comprovando a compreensão ampla que a pedagoga tem sobre o ato de desenhar.

Os anos de prática na docência e o conhecimento que tem sobre o desenho infantil, levou a pedagoga “D” perceber a produção das crianças, as atividades desenvolvidas por elas devem ser acompanhadas e mediadas por ela. Considera como uma boa maneira de acompanhamento a observação do desenrolar da atividade e o auxílio da criança com materiais. Quando afirma *“acompanho sua produções através da observação e auxiliando com materiais”* não conseguimos notar de que maneira acontece este auxílio. No entanto o fato de mediar e acompanhar os trabalhos, demonstra conhecimento sobre o papel do desenho no desenvolvimento da criança, já que para Rego (1995), esta é atitude ideal do professor a partir do que diz Vygotsky ; sobre o aprendizado e desenvolvimento da criança:

[...] na perspectiva Vygotskiana o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humana é mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança constrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em signos externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (imagens, representações mentais, conceitos, etc.) ( p.62).

Em relação ao direcionamento, ou seja, como são conduzidos os trabalhos em sala, a pedagoga “D” afirma que procura permitir contato da criança com diferentes materiais, pois *“a criança tendo contato com materiais diversificados e instrumentos variados, terá mais facilidade de elaborar suas idéias e ações, pois é neste fazer que vai construindo sua linguagem no desenho”*. No entanto, não especifica quais os materiais que utiliza e de que maneira usa a atividade com desenho (se a partir de uma história ou apenas criação livre). Porém utiliza vários materiais e diferentes procedimentos, com isso suas atitudes vão ao encontro das idéias de Lowenfeld (1976, p.94), quando o autor afirma que *“ Devemos oportunizar experiências com tantos materiais diferentes quanto isto for possível., com texturas diferentes para enriquecer a sensibilidade tátil infantil”*.

Além da sala de aula, usa o pátio, a calçada e a quadra, do centro de educação infantil. Para Lowenfeld (1976) de acordo com a experiência artística que terá, da qualidade do material artístico que manterá contato que a criança desenvolverá sua capacidade artística. É nessa aproximação também que a criança poderá desenvolver o gosto pelos vários segmentos da arte. Em nosso entender, cabe então ao espaço educacional infantil proporcionar este contato com os mais diversos tipos de produções artísticas.

Neste caso a pedagoga superou e muito as expectativas quanto o seu conhecimento sobre o papel e a importância do desenho no desenvolvimento infantil, pois no início de seu questionário, mesmo afirmando que *“Devemos ter o conhecimento teórico para compreender a prática”*, não mencionou nenhum autor ou obra ligados ao desenho infantil, nossa esperança de que tivesse uma consciência ampla sobre o assunto caiu por terra, no entanto comprovou seus saberes no conteúdo das respostas.

Não foi possível, porém, perceber através do questionário, qual o papel do desenho nas rotinas do Centro de Educação já que as respostas foram exclusivamente da prática individual da pedagoga. Quanto ao PPP, que poderia fornecer informações nesse sentido, ainda está em fase de construção devido a mudança da gestão municipal.

### 2.1.2 Pedagoga “G”

A pedagoga “G” trabalha a 5 anos no ensino da primeira infância, além de licenciada é especialista em educação infantil, tendo desenvolvido em sua monografia o tema “A musicalidade na educação infantil”.

.Em relação a concepção do desenho, a escritora Ferreira (1998, p. 22) afirma que Lowenfeld e Brittan (1976) entendem que “a maneira de representar as coisas é um indício das experiências que a criança tem com elas. Para os autores, a imagem que as crianças têm das coisas que as rodeiam se modificará à medida que elas tiverem mais consciência das características significativas de tais objetos. Percebe-se que a pedagoga aqui pesquisada “G”, também compreende o desenho como uma prática que se modificará, que não é estática mas que se transforma conforme a sua fala “*através do desenho a criança cria, recria, representa, expressa seus sentimentos, comunica-se, imagina.*” Assim o desenho dá idéia de movimento, construção, uma construção em espiral e permeada de avanços e regressos. Além disso “*o desenho ajuda no desenvolvimento da criança, ampliando seus conhecimentos, desenvolvendo sua criatividade, expressando seus sentimentos.*” “Sendo assim, a linguagem tanto expressa o pensamento da criança como age como organizadora desse pensamento”. (REGO, 1995, p.64).

Para nós a partir de suas respostas a pedagoga delineou as características discutidas por Derdyk (1994, p.50), sobre o que o desenho proporciona ao desenvolvimento da criança “Estes conteúdos, entretanto, correspondem de uma certa forma, ao desenvolvimento do aparelho neurológico, físico, perceptivo e mental da criança. Às vezes o mesmo conteúdo (emocional, perceptivo, gráfico) pode ser pesquisado em crianças de faixas etárias distintas.”

Os trabalhos envolvendo o desenho infantil são direcionados como representações de histórias, filmes e de construções de painéis, guardando espaço para os desenhos livres. Compreende que os desenhos livres permitem a expressão

dos sentimentos das crianças. “*Para desenvolver o interesse da criança utiliza-se diversos materiais, fazendo com que ela participe de todas as atividades, desenvolvendo sua criatividade*”, como: lápis de cor, giz colorido, giz de cera, canetinha, tinta guache, pincéis, papel, lixa glitter, cola colorida.

Além disso, explora outros espaços do centro de educação infantil, diferente da sala de aula com as crianças como “*na rua com giz colorido, na areia com palitos e na terra com os próprios dedos, nas floreiras e painéis*” para as produções. Com esta declaração a pedagoga “G”, demonstra que embora em sala utilize materiais bastante tradicionais, sua compreensão sobre o conceito de desenho é bastante ampla, se analisarmos a luz dos estudos de Lowenfeld (1976, p.95) que escreve: “Se a criança não se dedica ao rabisco, parece ter saltado essa fase. Na verdade ela passou despercebida. Ou na areia ou com sua sopa de cereais a criança fez seus rabiscos” Dessa forma a pedagoga além de incentivar a criatividade de desenhar com outros meios ainda é capaz de observar que a criança pode desenhar de formas não tradicionais, valorizando sua individualidade.

As atividades propostas pela pedagoga “G” são mediadas através de diálogos, explicações, acompanhamento, incentivos, já que em sua compreensão, a criança precisa que o educador acompanhe o desenvolvimento de todas as atividades realizadas. Esta também é compreensão de Lowenfeld,: “A arte, pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções , pode ser um apoio quando alguma coisa as aborrece, isto pode ser alcançado incentivando a capacidade de percepção que resultará na ampliação dos detalhes no desenho da criança.” (1976, p. 41 )

Os desenhos são para a pedagoga, tarefa diária em sala de aula, pois permite ampliar o conhecimento da criança desenvolvendo sua criatividade, interesse e participação.

Quanto a integralização da arte na rotina do centro de educação infantil, avalia que deve ter espaço e atenção no Plano Político Pedagógico da instituição, já que em seu entender a arte faz parte do dia a dia da criança em todos os seus aspectos. Nesta perspectiva, Derdyk (1994) defende que a instrumentalização do educador é a principal forma de se alcançar uma educação em artes com qualidade. A alternativa sugerida por ela é a vivência da arte pelo educador, aí então é que o educador aprenderá e compreenderá o/sobre o ato de criar, pois ainda no entendimento de Derdyk (1994) o ato de conhecer e o ato de criar estabelecem

relações. Já a parte que cabe ao desenho nas rotinas do Centro de Educação não foi possível constatar qual o espaço destinado a ele.

### 2.1.3 Pedagoga “L”

A pedagoga, denominada por nós como “L”, trabalha a 7 anos na área e desenvolveu sua monografia sobre a educação especial infantil, trabalhando sobre “Limites”. Seu último curso de capacitação abordava as diferentes linguagens e foi realizado em 2006. Sobre a relação teoria e prática da educação infantil não se manifestou e demonstrou pouco conhecimento quando se referiu as bibliografias estudadas na graduação sobre o assunto: *“apenas as referenciadas em disciplinas pelas professoras, mas por mim pouco exploradas”*, afirmou.

Dessa forma entendemos que sua compreensão sobre a importância do desenho é resultado mais de sua experiência profissional, do que de estudos teóricos, isto porque demonstra certo conflito, confusão de conceitos. Ao afirmar que *“o ‘papel’ do desenho é estimular e desenvolver a criatividade, a imaginação, bem como desenvolver o raciocínio lógico “sobre as coisas” e auxiliar no desenvolvimento da psicomotricidade fina”*, caracteriza nossa afirmação anterior, a respeito de seu domínio teórico sobre o assunto, pois o desenho não “desempenha papel”, mas funciona como instrumento em uma construção do sujeito. Tão pouco é resultado do raciocínio lógico ou reprodução do real, justificamos nossa compreensão citando Lowenfeld (1976, p. 109): “[...] um menino vai visitar um zoológico, no entanto não pintará tudo o que recorda enquanto pinta. Aqui uma girafa, mais para lá um elefante, não estabelece uma relação, nem entre os objetos nem sobre os animais. Aparecem dispersos.”. O desenho é realmente o conjunto de todos estes aspectos descritos pela pedagoga “pois a criança sente grande satisfação em poder expressar os próprios sentimentos e as próprias emoções pela arte” (FERREIRA, 1998, p. 23).

Por outro lado se observarmos o conjunto dos elementos principais que compõe a resposta das pedagogas, como o desenvolver a criatividade, a imaginação, o raciocínio lógico, a psicomotricidade, perceberemos que seu pensamento traduz a harmonia das inteligências múltiplas de Gardner (2002) “[...] a verdade que cada papel cultural, seja qual for seu grau de sofisticação, requer uma combinação de inteligências”, logo concluímos que esta pedagoga também tem

noção da participação do desenho na construção de conhecimento nas crianças da educação infantil. Então discordamos da maneira como formulou sua resposta que imprimiu um aspecto compartimentado do ato de desenhar, e não da idéia que ela traz.

Ainda para Ferreira (1995) Lowenfeld e Brittan reconhecem que a própria evolução dos traços do desenho está ligado ao desenvolvimento cognitivo-afetivo da criança, que progride conforme a relação deste com o mundo e as pessoas que o rodeiam, para esta evolução ocorrer, a criança cria esquemas internos que significarão o conhecimento ativo que se tem do objeto, e não apenas o desenvolvimento da psicomotricidade fina, como pensa a pedagoga “L”. Afirmam ainda que na fase pré-esquemática (idade pré-escolar) as crianças desenharam o que sabem sobre o objeto e não a reprodução fiel da imagem visual.

Delineia como materiais usados em suas aulas com desenho tanto os tradicionais como os alternativos (carvão, terra, em lugar da tinta), justificando “se torna caro para a escola, por exemplo, tinta aquarela, giz pastel, então trabalha-se o desenho dentro das condições que se apresenta [...]”. Neste aspecto a pedagoga demonstra que nem dificuldades financeiras podem impedir o fazer artístico nos centros educação infantil, torna-se sim um elemento de estímulo, para criatividade voar livre e produzir novas alternativas que garantam o criar, o desenhar, mais que do gesto e controle motor.

Acompanha as criações das crianças procurando estimulá-las, “quando o desenho está “pobre” de detalhes, como por exemplo, a criança desenha a mãe sem cabelos, faço a seguinte fala: será que sua mãe é careca...”, esta atitude é vista pela pedagoga como uma forma de aguçar o pensamento criativo das crianças, auxiliando no processo de aprendizagem.

A partir de Lowenfeld (1976, p.39 ) esta ação é a mais indicada para ajudar a criança a incrementar sua produção e refinar sua percepção sobre o mundo,

[...] perguntando se a criança tem alguma coisa para demonstrar. Se a criança responder “sim, mas eu não sei pintar”, perguntamos: Que é que você tencionava pintar?. Essa pergunta nos pode conduzir a um bom ponto de partida, se quisermos ajudar, nos utilizamos do que a criança diz para envolver sentimentos, possibilidades para abranger o que a criança vê e sente a respeito de si mesma quanto aos outros.

No entanto, se verificarmos de acordo com o que Mèrdieu (*apud* SANS, 1996, p.36) fala sobre o modo de desenhar, verificamos que esta é só uma fase da criança, e se a esta deixou detalhes é porque para aquele momento este aspecto não era importante, não lhe chamou atenção, mas não porque ela esqueceu, “[...] a criança desenha espontaneamente de acordo com seus critérios de observação e análise visual, representando sua percepção essencial do elemento a ser retratado.”

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora tenha sido trabalhoso coletar os dados para constituir este trabalho, o resultado final é gratificante e a sensação é de que este foi o melhor instrumento para aquisição de conhecimento em nossa vida acadêmica.

Ao discutirmos a importância e a função do desenho no desenvolvimento infantil, um grande número das pedagogas demonstrou ter consciência quanto o valor e abrangência deste no ato pedagógico. Entendemos assim, porque declararam compreender que o desenho pode ser um estímulo, um elemento que contribui para o desenvolvimento dos aspectos, afetivos, cognitivos e psicomotor, elementos presentes nas afirmações de Derdyk (1994, p.54).

A excitação motora conduz a outros gestos. Já está implícita aí uma atividade mental, na medida em que a criança associa, relaciona, subtrai ou adiciona um gesto a outro. O desenho é indecifrável para nós, mas, provavelmente, para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório-motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas.

Nesta mesma perspectiva, Lowenfeld e Brittan (1977) ressaltam a supremacia do ato de desenhar, tanto um instrumento que possibilita o acompanhamento do desenvolvimento da criança, como nos aspectos levantados pelas pedagogas em suas respostas.

Estes autores, no que tange o aspecto emocional (ou afetivo), afirmam que é através do desenho que a criança descarrega suas emoções, auxiliando na sua auto afirmação, isto porque, as crianças, emocionalmente desajustadas, refugiam-se, freqüentemente, num representação padronizada desse gênero.

Ainda na compreensão dos autores, porém, em relação ao desenvolvimento intelectual, acreditam que pode ser avaliado, geralmente, a partir da compreensão que a criança tem de si mesma e de seu meio. “O conhecimento, que está ativamente à disposição da criança, quando desenha, demonstra seu nível intelectual” (ibidem, p. 40). Para eles desenhos com detalhes, demonstram a evolução intelectual da criança que a produz, isto porque à medida que a criança cresce, seus desenhos ganham mais detalhes e a conscientização sobre seu meio muda.

O desenvolvimento físico para os mesmos autores, também podem ser facilmente notados no decorrer dos desenhos, ele revela a capacidade da criança de coordenar seu visual e motor, no modo como controla seu corpo, orienta seu traço. Na infância essa evolução pode ser percebida na passagem dos rabiscos sem forma e direção para as garatujas com traços mais firmes. “Na realidade a criança fisicamente ativa retratará movimentos físicos ativos e desenvolverá maior sensibilidade para as reações físicas”.(ibidem, p.42)

Outra idéia que foi negligenciado nas respostas das pedagogas e que são trabalhadas por Lowenfeld e Brittan (1977) aqui se refere ao o quê especificamente observam nos desenhos das crianças para perceberem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança. Indicaram também o desenho apenas como um instrumento que auxilia no desenvolvimento, ocultando a visão de que o desenho produzido pela criança pode servir para acompanhar as evoluções em seu crescimento também estudadas por Lowenfeld e Brittan (1977).

Por outro lado lembram o desenho como forma de expressão e comunicação da criança com o mundo, entendimento correto a partir do que fala Derdyk (1994, p.24): “O desenho como linguagem para arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão”. No entanto em nenhum momento o ato de desenhar foi lembrado como instrumento socializador, característica defendida por Vigotsky (*apud* FERREIRA, 1998), quando fala das relações sociais e do desenho como signo: “[...] quanto ao desenho, [...] como signo é considerado na teoria histórico-cultural não como simples derivado da memória, mas como algo constituído nas interações sociais, que pode modificar a estrutura das funções psicológicas” (p. 46).

Wilson, Wilson (*apud* BARBOSA, 1997), além de descrever o desenho como um signo ainda cita sua criação como um resultado da relação da criança com o outro e com o meio: “A criança aprende a formar seus próprios signos configuracionais principalmente por meio da observação do comportamento-de-fazer-signos-configuracionais de outras pessoas, por conservar inicialmente que outras pessoas fazem desenhos [...]” (p.63).

Ferraz & Fusari, (1993, p.56), entendem que “[...] para criança, essa linguagem ou comunicação que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade.”, isto quer dizer que além da relação social o faz-de-conta, o imaginar também participam do ato de desenhar das crianças.

Apesar da fragilidade teórica, as práticas envolvendo o desenho, desenvolvidas pelas pedagogas pesquisadas, parecem ser bastante interessantes, pois a grande parte afirma utilizar uma diversidade de materiais, técnicas e algumas até procuram outros ambientes do Centro de Educação Infantil, além de sua sala de aula, para trabalharem com esta atividade.

Além de sugerir que estes materiais façam parte do cotidiano das crianças, sendo trazidos por elas próprias para aula; positivando assim os procedimentos e materiais utilizados pelas pedagogas.

Da mesma forma, Lowenfeld (1976) entende que para poder criar e se expressar qualitativamente a criança precisa dispor de materiais suficientes a sua necessidade, das mais diversas espécies, pois, “as crianças jamais devem encontrar dificuldades para se expressarem, por não disporem de meios adequados” (p.46).

Então no quesito material as pedagogas analisadas atenderam as necessidades defendidas por alguns estudiosos do desenho infantil, no entanto não podemos constatar como são utilizados estes recursos em suas práticas, por isso achamos necessário chamar atenção para o que Derdyk (1994, p.19) fala a respeito da relação dos professores com estes materiais:

Alguns professores da pré-escola ansiosamente descarregam técnicas para a criança 'aprender a desenhar', inibindo, desta forma, qualquer tipo de exploração ou 'subversão', tanto em relação ao uso do material quanto à manifestação de elementos gráficos que expressem um imaginário pessoal.

Este alerta da autora, confirma mais uma vez que quantidade não significa qualidade. O que queremos dizer é que de nada adianta as pedagogas utilizarem dos mais variados materiais e técnicas em suas aulas se não tiverem clareza quanto ao objetivo que se quer alcançar ou qual o impacto, o resultado que o uso deste ou aquele elemento irá trazer.

Uma boa motivação, portanto, consiste em sensibilizar algumas das relações que anteriormente permaneciam passivas ou não eram utilizadas. Naturalmente, essas relações mudam, e precisamos ajustar nossas motivações às necessidades da criança que cresce. (idem, 1976, p. 41)

O autor sugere questionar a criança sobre o que desenhou e possibilitar o contato da mesma com o que deixou de registrar no desenho, de forma sutil mas que ela perceba que este faz parte do contexto desenhado, dessa maneira na próxima vez que a criança for desenhar lembrará de registrar o elemento que havia sido esquecido.

Completando a idéia do autor acima, porém enfatizando mais o papel do(a) pedagogo(a) Ferraz e Fusari (1993, p.49) afirmam que “[...] no encontro que se faz entre cultura e criança situa-se o professor cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos estudos.”

A partir desta análise verificamos que o domínio do conhecimento científico é essencial para que possamos esclarecer os procedimentos e práticas que são aplicados na sala de aula do cotidiano escolar.

No entanto queremos esclarecer que em momento algum procuramos aqui desqualificar as pedagogas que colaboraram com nossa pesquisa, pelo contrário queremos levantar alguns elementos relacionados ao cotidiano das salas de aula da Educação Infantil, procurando colaborar com mais conhecimentos desta fase da infância. Mesmo porque ao analisar os dados gerais percebemos que das 24 pedagogas poucas, cerca de 4 aproximadamente, haviam mantido contado com literaturas a respeito do desenho infantil em sua graduação. Dado que nos surpreendeu, pois o desenho está fortemente presente na vida das crianças da educação infantil, sendo que as pedagogas entrevistadas possuem licenciatura com habilitação específica para primeira infância a ênfase dada ao estudo do desenho, bem como a arte, deveria ser a mesma a dispensada para outra disciplinas, já que aqueles são extremamente lúdicos e é a ludicidade o principal aliado do pedagogo desta idade.

Gardner (2000) da mesma forma, ao estudar sobre o desenvolvimento humano, chama a atenção para os aspectos artísticos que contribuem para esse fato. Com a teoria das inteligências múltiplas abre caminho para um novo olhar, uma nova compreensão e interpretação sobre o desenvolvimento humano, justamente por abordar características mais individuais de cada sujeito.

Para o autor Gardner (2000), assim como nós, acredita que o ensino de artes na pré-escola deve ser repensado, estando muito mais presente no currículo da infância, porém de forma flexível, adaptável e acessível as crianças. Isto porque dessa forma “Apesar de certas deficiências em seu desempenho, as crianças de pré escola adquirem competência e uma tremenda quantidade de conhecimento em arte” (p. 121), além de terem a oportunidade de descobrir as áreas que mais lhe agrada e que possuem mais habilidade, despadronizando tanto o ensino quando o entendimento sobre o desenvolvimento da criança, quebrando paradigmas da educação.

Trouxemos toda essa reflexão em torno da teoria Gardneiana sobre as inteligências múltiplas porque acreditamos que seu trabalho, suas idéias só viriam a acrescentar nos trabalhos práticos em salas de educação infantil. Embora ele seja pouco (ou nada) conhecido no campo educacional sua teoria, seus experimentos, são riquíssimos em informações em relação ao trabalho pedagógico com crianças para estimular e desenvolver suas capacidades individuais.

### 3 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Tavares Bastos. **Arte Educação: Leitura no Subsolo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2000.
- CAVALCANTE, Zélia (coord.). **Arte na sala de aula**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COX, Maureen. **Desenho da criança**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CRUZ, Roseli; FONTANA, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo. Ed. Atual, 1997.
- DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança**. 3. ed. São Paulo: 1998.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A teoria na Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Estruturas da Mente: A Teoria Das Inteligencias Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- LOWENFELD, Viktor. **A Criança e sua Arte**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MÈRDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORENO, Márcia. **A teoria das inteligências múltiplas e sua relação com o processo de ensino e aprendizado do desenho: um estudo com adolescentes**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- NUNES, Luiz Antonio Rizzatto. **Manual da Monografia: Como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 1. ed. São Paulo: Plexus, 1994
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica – Guia para eficiência nos estudos**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- TARSO, Paulo de; SANS, Cheida. **A criança e o artista**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1995.